



Polissemia e progressão referencial em redações de vestibular

Marcus Vinicius Brotto de Almeida
(IFRJ)¹

Resumo: Este trabalho investiga a progressão referencial em redações de vestibular, atentando para a exploração da polissemia lexical, com o objetivo de estabelecer as principais falhas relativas à construção das cadeias referenciais. Para realizar tal investigação, foram selecionadas 100 (cem) redações produzidas no processo seletivo de 2008 da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na ocasião, os candidatos foram orientados a produzir uma redação dissertativo-argumentativa em que se apresentassem reflexões a respeito do *cinema como prática social*. O tema da prova, portanto, favoreceu que houvesse a recorrência da palavra “cinema”, que ativa diversos significados. Promovendo uma articulação entre o arcabouço teórico da Linguística Textual com o da Linguística Cognitiva, busca-se, neste estudo, investigar a progressão referencial por meio do instrumental descritivo da Teoria dos Espaços Mentais, uma teoria cognitiva da construção do significado desenvolvida por Gilles Fauconnier (1994, 1997), no interior da Linguística Cognitiva. A Teoria dos Espaços Mentais mostrou-se favorável a essa análise porque é capaz de descrever a processualidade imanente à construção do significado. No que concerne às falhas, chegou-se à conclusão de que os principais problemas relativos à construção da progressão referencial de um lexema polissêmico decorrem da *presunção de monosssemia*.

Palavras-chave: polissemia lexical, progressão referencial, espaços mentais.

Abstract: This work investigates the referential progression on assignments of college entrance exam, paying attention to the exploration of the lexical polysemy, in order to establish the main flaws concerning to the construction of referential chains. To accomplish such research, we selected 100 (one hundred) assignments produced in the 2008 of the Federal University of Rio de Janeiro. In the occasion, candidates were asked to produce an argumentative essay in wich they must exhibit reflections on *the cinema as social practice*. The theme of proof, therefore, favored the recurrence of the word “cinema”, which activates several meanings. Promoting an articulation between the theoretical framework of the Textual Linguistics with the one of the Cognitive Linguistics, in this study, it seeks to investigate the referential progression by means of the descriptive instrumental of the Mental Spaces Theory, a cognitive theory of the construction of the meaning developed by Gilles Fauconnier (1994, 1997), within the Cognitive Linguistics. The Mental Space Theory was favorable to this analysis because it is capable to describe the inherent processivity of the construction of the meaning. With regard the flaws, came to the conclusion that the main failures on the construction of the referential progression of a polysemous lexema result of the *presumption of monosemous*.

Keywords: lexical polysemy, referential progression, mental spaces.

¹ profportmarcus@hotmail.com



1. Introdução

Neste artigo, investigaremos algumas falhas relacionadas à progressão referencial em redações de vestibular, levando em conta o trato dado à polissemia lexical. Para tanto, selecionamos 100 (cem) redações produzidas no processo seletivo de 2008 para os cursos de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Na ocasião, os candidatos foram orientados a produzir um texto dissertativo-argumentativo em que apresentassem reflexões a respeito do *cinema como prática social*.

A progressão referencial (Cf. KOCH, 2003, 2004; MARCUSCHI, 2007; MARCUSCHI & KOCH, 2002) pode ser compreendida como o processo de introdução e retomada, ao longo do texto, dos referentes, cuja recorrência levará à formação de uma cadeia referencial.

Buscaremos descrever a progressão referencial por meio do instrumental teórico da Teoria dos Espaços Mentais (TEM), uma teoria cognitiva da construção da referência desenvolvida por Gilles Fauconnier (1994, 1997). Segundo a TEM, domínios cognitivos vão sendo localmente construídos por meio de pistas linguísticas e pragmáticas na produção e compreensão de textos.

Partimos do pressuposto de que a principal causa das falhas relacionadas à organização dos referentes nas redações analisadas consiste naquilo que denominamos como *presunção de monosemia* (ALMEIDA, 2010). Tal falha decorre do fato de os falantes não estarem conscientes do potencial polissêmico das expressões linguísticas, já que a polissemia não é uma realidade psicológica para o falante (NERLICH & CLARKE, 2007).

2. Referenciação e Espaços Mentais

Fauconnier & Sweetser (1996) explicam que a TEM forneceu um modelo geral para o estudo da inter-relação entre cognição e linguagem: os espaços mentais são “construtos distintos das estruturas linguísticas, mas construídos em qualquer discurso de acordo com diretrizes providas pelas expressões linguísticas.” (FAUCONNIER, 1994, p. 16, tradução nossa).



Os espaços mentais podem ser compreendidos como domínios cognitivos transitórios que contêm informações relevantes sobre um determinado referente. Tais espaços epistêmicos podem abarcar hipóteses, crenças, cenários fictícios, representações artísticas (como pinturas, peças e filmes), atitudes proposicionais, situações alocadas no tempo e no espaço etc.

No que se refere à discussão proposta por este trabalho, o conceito de espaços mentais é crucial, porque oferece um substrato teórico para discutir como os seres humanos lidam cognitivamente com os diferentes enquadramentos de um mesmo referente no interior de um discurso e com os diversos significados relacionados entre si e articulados a uma mesma forma linguística. Na descrição da progressão referencial, consideraremos os espaços mentais como os domínios cognitivos onde se dá a construção da referência do item linguístico “cinema”, à medida que o texto progride. Dado que estamos considerando esse item como polissêmico, levaremos em consideração que o produtor e o leitor precisam lidar com os diferentes estatutos ontológicos relacionados a cada uma das acepções da palavra “cinema” na produção e na interpretação do texto.

2.1. A configuração de espaços mentais

A produção e a interpretação de um discurso têm como resultado a construção de uma complexa configuração de espaços mentais hierarquicamente relacionados e interconectados, produzidos sob pressão da gramática, contexto e cultura (FAUCONNIER & SWEETSER, 1996). Tal construção é processual: à medida que as sentenças são processadas, a configuração de espaços é dinamicamente atualizada. É preciso reconhecer, também, que há um movimento retroativo, na medida em que novas informações podem reconfigurar construções erigidas para porções precedentes do discurso. *É esse movimento de idas e vindas decorrente da constante reconfiguração dos elementos que formam o texto que nos permite falar do caráter processual dos textos.*

As pistas linguísticas, levando em conta a configuração já construída a partir da interpretação do discurso precedente, fornecem instruções parciais para a construção de novos espaços mentais (CUTRER, 1994). À medida que o discurso vai sendo processado, novos espaços mentais podem ser construídos a partir de pistas providas por *construtores de espaço*



(*space builders*), marcadores gramaticais (tempo e modo verbais, por exemplo) ou informação pragmática.

A movimentação pela rede de espaços é feita normalmente da seguinte forma: a partir de um espaço inicial, o Espaço Base, geramos um novo espaço, o Espaço M. O espaço Base corresponde à realidade do falante e é onde são alocadas as ontologias a serem reconhecidas no discurso em geral. Um espaço corrente (M_i) pode gerar um novo espaço (M_{i+1}), e assim sucessivamente.

No que concerne especificamente ao nosso trabalho, propomos que as retomadas de uma dada acepção do termo “cinema” formarão uma cadeia de espaços mentais por meio da concatenação de espaços-filho em espaços-pai. Cumpre observar o tratamento dado a essas cadeias de espaços, a fim de se produzir um texto com bom padrão de textualidade e também detectar as possíveis falhas relacionadas à construção das cadeias referenciais nos textos.

2.2. As pistas de contextualização

No processo de atribuição de significado a um discurso, as informações sofrem uma partição e são distribuídas pela configuração de espaços com base nas *pistas de contextualização* (CUTRER, 1994; FAUCONNIER, 1997). As pistas de contextualização podem ser gramaticais, lexicais ou pragmáticas:

Essas pistas *contextualizam* a informação contida na oração, indicando para o ouvinte como e onde informação introduzida por uma oração pode ser incorporada dentro da configuração de espaço construída do texto ou discurso precedente. Pistas de contextualização ajudam o falante a determinar quais eventos podem plausivelmente pertencer juntos num espaço e quais não podem, por restringir o conjunto de espaços possíveis a que uma expressão pode pertencer. (CUTRER, 1994, p. 53, grifo da autora, tradução nossa).

Trabalhos anteriores (Cf. DINSMORE, 1991; FAUCONNIER, 1997; CUTRER, 1994) já discutiram como o tempo e modo verbais servem como pista de contextualização. Em nossa abordagem, focaremos como os elementos que estruturam o sintagma nominal (SN) podem funcionar como pistas de contextualização. Em nossa investigação, as pistas de contextualização são importantes porque especificam linguisticamente o referente, indicando para o leitor: (i) em que espaço mental um novo referente deve ser introduzido; (ii) a que



referente o produtor do texto está remetendo em determinada etapa do texto; (iii) que referente serve de Ponto de Vista para a construção de uma nova proposição; (iv) que referente está em Foco.

Consideramos que *as pistas de contextualização constituem marcas linguísticas para a construção da coesão textual*. Além disso, tais pistas são essenciais para orientar os interlocutores no gerenciamento discursivo propiciado pelos primitivos semânticos, conforme veremos na próxima seção.

Como procuramos descrever o processo de construção da referência do termo polissêmico “cinema” ao longo das redações, consideramos que as pistas de contextualização mais relevantes para o nosso trabalho sejam os elementos que constituem o SN. A estrutura interna do SN inclui, obrigatoriamente, um *núcleo* e, opcionalmente, *especificadores* e *complementos* (MIRA MATEUS *et al.*, 1989). Dedicaremos nossa atenção especialmente aos SNs que apresentem o item lexical “cinema” como núcleo, uma vez que é nosso objetivo observar o trato dado aos diversos significados dessa palavra ao longo das redações.

Tais elementos que constituem o SN podem ser interpretados como pistas de contextualização, uma vez que podem indicar ao leitor: (i) o referente que deve ser atribuído a uma dada ocorrência do termo “cinema”, indicando-o como informação dada ou nova; (ii) a introdução de um novo elemento no espaço Base; (iii) a retomada de um espaço mental já introduzido; (iv) a mudança no enquadramento de um referente.

2.3. Os primitivos semânticos

Os primitivos semânticos (CUTRER, 1994; FAUCONNIER, 1997) são noções dinâmicas cruciais para os participantes do ato comunicativo encontrarem seu caminho através da estrutura de espaços, evidenciando como o ser humano opera cognitivamente para compreender um discurso. Os primitivos podem, por conseguinte, ser compreendidos como *a sistematização de parte do trabalho cognitivo que realizamos ao tentarmos estabelecer a coerência para um discurso*.

Em nosso estudo, aplicaremos tais conceitos na descrição do trato com um lexema polissêmico ao longo de textos argumentativos. Nosso estudo dos primitivos semânticos está especialmente fundamentado em Cutrer (1994). Passemos a eles:



Base (B): O espaço Base é o ponto de partida em qualquer construção hierárquica de espaços mentais. É o espaço que ancora o discurso e para o qual é sempre possível retornar. Nele, encontramos a realidade ontológica do referente. O espaço Base apresenta o Ponto de Vista inicial a partir do qual um referente é introduzido.

Ponto de Vista (PTV): O espaço Ponto de Vista é o espaço a partir do qual outro(s) espaço(s) mental(is) é (serão) acessado(s) ou construído(s). Em nosso trabalho, faremos a seguinte adaptação: verificaremos em que medida um enquadramento de um referente serve como Ponto de Vista para a introdução de um novo enquadramento, consoante as relações de similaridades existentes entre eles.

Foco (F): O espaço Foco é aquele em que o significado está sendo correntemente construído. Trata-se do espaço mais ativo. É o espaço para o qual a atenção está sendo dirigida num determinado momento.

Proposição (PROP): Proposto em nossa Dissertação de Mestrado (ALMEIDA, 2010), o espaço Proposição é aquele que contém a informação que está sendo apresentada em determinado momento da argumentação. Os referentes enfocados nesta pesquisa estão inseridos nesse espaço Proposição.

Tendo discutido os aspectos relacionados à TEM mais relevantes para o nosso estudo, passamos, na próxima seção, à análise dos principais problemas de progressão referencial observados nas redações.

3. Problemas de progressão referencial em redações

O objetivo desta seção é propor uma tipologia para alguns problemas relacionados à progressão referencial observados nas redações analisadas. É preciso ressaltar que esses problemas não são estanques. Na verdade, alguns deles estão intimamente relacionados, de tal modo que a ocorrência de um pode levar ao surgimento de outro. Não é nossa intenção fazer uma listagem exaustiva dos problemas relativos à progressão referencial, mas identificar os mais recorrentes e os mais prejudiciais à construção estrutural do texto.

Antes de iniciarmos a análise, gostaríamos de estabelecer uma sistematização das falhas relativas à progressão referencial que podem ser identificadas por meio da TEM. Para tanto, levaremos em consideração o gerenciamento cognitivo do estatuto do referente por



meio dos *primitivos semânticos* – Base, Foco, Ponto de Vista e Proposição – e a função desempenhada pelas *pistas de contextualização*.

Em sua primeira ocorrência no texto, a contraparte (a') de uma expressão linguística liga-se a uma conceptualização de uma ontologia desse referente (a), situada no espaço Base, que lhe serve como Ponto de Vista inicial. Nesse momento, o referente textual (a') encontra-se situado no espaço Foco e num espaço Proposição por meio do qual se apresenta um dos vários enquadramentos possíveis para esse referente. O esquema abaixo ilustra a situação que acabamos de descrever:

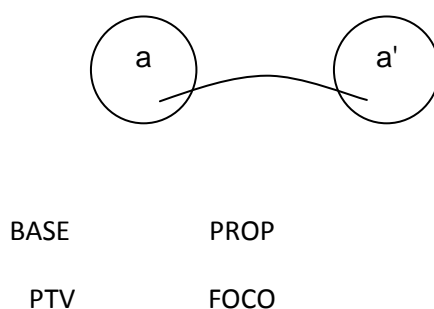


Figura 1: Ligação de um referente textual a uma conceptualização ontológica

Num segundo momento da construção da referência textual, o enquadramento do referente (a') é retomado, servindo de Ponto de Vista para a introdução, em um novo espaço Proposição, de um novo enquadramento desse mesmo referente (a''), que, nesse estágio, passa a ser o Foco. Guardadas as limitações de processamento cognitivo, esse processo pode ser repetido diversas vezes ao longo do texto, com a introdução de novos enquadramentos do referente (a''', a''''...) e a consequente reorganização dos estatutos dos espaços mentais. Forma-se, assim, uma cadeia referencial, com a recuperação e a manutenção de um referente em foco, como pode ser observado na seguinte formalização desse segundo momento da cadeia de espaços mentais:

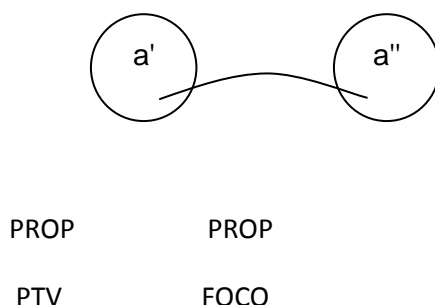


Figura 2: Reenquadre de um referente

No caso do trato com itens polissêmicos, a boa estruturação da cadeia referencial depende do conhecimento de que se está lidando com lexemas com vários significados que não devem ser confundidos na leitura do texto e de que há elementos linguísticos que ajudam nessa organização. Em contraposição, concluímos, a partir da observação do *corpus*, que *os maiores problemas estão relacionados ao emprego não-consciente dos vários significados que os lexemas podem ativar*. Estamos denominando tal falha como *Presunção de monossêmia* (ALMEIDA, 2010). Por não reconhecer o potencial polissêmico de um lexema, o redator o emprega indistintamente, sem atentar para a delimitação e a articulação dos diversos significados que a forma linguística pode acionar. Essa falha em nível semântico reflete-se na superfície textual, uma vez que os recursos coesivos estão a serviço das relações semânticas. Assim, no plano da expressão, essa falha se materializa no manejo inadequado das pistas de contextualização. Desse modo, observando o processo de construção da referência de itens polissêmicos, a TEM pode nos auxiliar na identificação das seguintes falhas:

(i) Falha no estabelecimento da relação entre as contrapartes textuais: esse problema diz respeito diretamente às relações estabelecidas entre ocorrências do item polissêmico que direcionam para uma mesma ontologia e está relacionado às seguintes falhas: a) *Relação frouxa entre as contrapartes*: ao menos dois enquadramentos de um mesmo referente são percebidos como mal relacionados no texto, ou mal relacionados ao espaço Base; b) *Falsa contraparte*: trata-se de uma retomada sem reenquadramento, ou seja, sem acréscimos semânticos, o que não contribui para a progressão textual;



(ii) Falha na identificação de uma ontologia no espaço Base: o leitor não é capaz de atribuir com clareza uma ontologia para a forma linguística presente no texto. Na descrição, identificaremos essa falha como *ausência de delimitação ontológica*;

(iii) Falha relacionada ao espaço Foco: nesse caso, um referente posto em foco é abandonado. Estamos identificando essa falha como *abandono do referente*;

(iv) Falha relacionada ao espaço Ponto de Vista: um novo espaço Proposição é introduzido no texto sem um Ponto de Vista prévio. Nos casos em que a *ausência de espaço Ponto de Vista* ocorre, em vez de o texto progredir gradualmente, articulando informações novas a informações dadas, o texto progride com “saltos abruptos”.

Tendo proposto essa sistematização do processo de enredamento dos referentes num texto à luz da TEM, passamos à análise qualitativa do *corpus*, tendo por objetivo identificar os problemas relacionados à progressão referencial detectados nas redações.

3.1. Relação frouxa entre as contrapartes

Na TEM, os elementos de um espaço mental podem ter contrapartes em outros espaços, o que garante o estabelecimento de relações interespaciais. Esse fenômeno leva à formação de cadeias referenciais, em que podemos observar os diferentes enquadramentos de um mesmo referente, possibilitando-nos falar em *progressão* referencial.

Com a *relação frouxa entre as contrapartes*, a relação entre os diferentes enquadramentos de um referente é turva, imprecisa. Tal falha gera, inclusive, problemas relacionados à progressão sequencial, uma vez que a passagem de um segmento textual a outro se faz de modo pouco articulado. Tal deficiência demanda um grande esforço por parte do leitor no estabelecimento da relação entre as contrapartes, a fim de atribuir coerência ao que lê. Apresentamos o esquema que para representa essa falha:

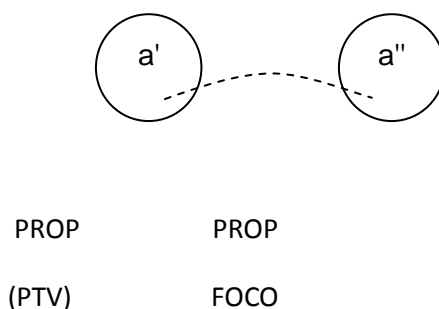


Figura 3: Esquematização da falha *relação frouxa entre as contrapartes*

Na esquematização acima, o tracejado que liga o referente textual (a') à sua contraparte (a''), num outro espaço mental, indica que a relação entre as contrapartes é pouco nítida. Empregamos o Ponto de Vista entre parênteses porque, como a relação entre as contrapartes é frouxa, verificamos que o espaço mental prévio não constitui um Ponto de Vista ideal para a introdução da nova proposição. Vejamos um exemplo dessa falha:

REDAÇÃO N.º 45

Diversão cultural

Ação, comédia, terror, romance, documentário, etc. Através de inumeros gêneros do cinema é possível ter um meio de diversão e cultura. Hoje com a globalização vemos filmes de vários lugares do mundo, assim podendo nós os conhecer melhor.

Hoje ficou mais ascessível ir ao cinema. Uma vez que os preços não são tão altos, há cinemas em qualquer esquina e uma variedade de filmes que ficamos até confusos na hora de escolher o nosso preferido.

Filmes estrangeiros infelizmente antes mesmo de serem lançados em nossos cinemas, já são pirateados e vendidos a mixarias.

Socialmente ir ao cinema é muito importante, encontrar com os amigos, levar a namorada. Tendo limites e respeitando todos que vão para ver um filme. Os filmes nos levam a discutir acerca de temas neles abordados.

Os filmes nos fazem sair de nós e nos transporta para dentro deles. A imaginação nos faz despertar sentimentos como se estivéssemos participando daquele filme

Contudo, devemos disponibilizarmos tempo de irmos ao cinema, assim tendo uma vida social e cultural rica.



A redação 45 deixa visível que o afrouxamento das relações entre as contrapartes está intimamente relacionado a problemas de *articulação*. A articulação diz respeito “à maneira como os fatos e conceitos apresentados no texto se encadeiam, como se organizam, que papéis exercem uns com relação aos outros, que valores assumem uns em relação aos outros.” (COSTA VAL, 1999, p. 27). Um texto pode não explicitar a ligação existente entre conceitos relacionáveis (o que diz respeito à *presença* da relação no texto), ou pode estabelecer inapropriadamente relações entre conceitos (o que concerne à *pertinência* das relações estabelecidas). Enfocando o trabalho com a progressão referencial, é preciso que alguma relação entre os referentes a que se fez alusão esteja *presente* e que essa relação seja *pertinente*.

Vejamos de que modo a *relação frouxa entre as contrapartes* apresenta pontos de contato com problemas no requisito *articulação*. Em seu início, a redação 45 afirma que o cinema, por meio dos seus *diversos gêneros*, é um meio de ‘diversão e cultura’ (referente *a*). Finaliza-se o parágrafo de introdução, afirmando que, devido à *globalização*, temos acessos a *filmes de diferentes lugares do mundo*. O texto não explicita qual seria a relação entre essas constatações que formam o primeiro parágrafo, ou seja, a relação entre os referentes não está *presente* no texto.

O segundo parágrafo apresenta um enquadramento completamente novo: trata-se do cinema como ‘lugar’ acessível (referente *b*). O produtor do texto novamente não fornece para o leitor pistas que explicitem a articulação entre esses referentes e suas proposições.

O terceiro parágrafo retoma o cinema como ‘lugar’ para dizer que *os filmes estrangeiros são pirateados antes mesmos de serem exibidos nos cinemas*. Além de essa infração não se restringir apenas aos filmes estrangeiros, o produtor infringe novamente a necessidade de articular as proposições. Por essa razão, entendemos que há uma relação frouxa entre as contrapartes (b') e (b''):



b'': cinema como 'lugar'

Pirateiam-se filmes estrangeiros antes de
chegarem a b''

PROP

PROP

(PVT)

FOCO

b': cinema como 'lugar'

b' ficou acessível, porque as entradas não são
caras e há b' em qualquer esquina.

entre as contrapartes

O quarto parágrafo retoma o cinema como 'lugar', mas novamente não promove uma articulação com os conteúdos das proposições anteriores. O texto não estabelece uma relação entre *a importância social de se ir ao cinema com a pirataria dos filmes estrangeiros e a facilidade de acesso aos cinemas hoje em dia.*

O parágrafo de conclusão apresenta um conselho muito recorrente no *corpus*: *devemos disponibilizar tempo para irmos a cinema para termos uma vida social e cultural rica.* A única relação existente entre esses três últimos enquadramentos é que eles fazem referência ao cinema como um 'lugar', mas as proposições que se fazem a respeito dessa perspectiva de cinema não dialogam entre si.

3.2. Falsa contraparte

Frequentemente, deparamo-nos com textos que, apesar de preencherem de 25 a 30 linhas, têm pouco a dizer. A sensação que se tem é que o texto apenas parafraseia o conteúdo do parágrafo anterior. Conforme veremos, por meio da TEM, somos capazes de visualizar estruturalmente esse esvaziamento semântico que perpassa a redação. Estamos denominando essa falha como *falsa contraparte*.



Gostaríamos de explicar o porquê desse nome. Um texto dissertativo com bom padrão de textualidade apresenta *continuidade* e *progressão* (CHAROLLES, 1988 [1978]; COSTA VAL, 1999), ou seja, ele contém a recorrência de elementos e conteúdos com a finalidade de apresentar acréscimos semânticos. Nesse processo, o esperado é que os referentes retomados sofram reenquadramentos, para garantir que novas informações sejam encadeadas com as informações dadas. O texto que apresenta *falsa contraparte* falha exatamente nesse processo, pois, embora haja continuidade, não há progressão. Assim, a progressão referencial fica prejudicada e, conseqüentemente, a progressão do texto como um todo fica comprometida. Confirmando a conclusão de Costa Val (1999) de que um dos problemas mais graves das produções de alunos é a baixa informatividade, a *falsa contraparte* apresentou uma elevada incidência em nosso *corpus*.

Essa ausência de progressão leva a um texto com baixo grau de *informatividade*, que diz respeito à “capacidade que tem um texto de efetivamente informar seu receptor.” (COSTA VAL, 1999, p. 31). Um dos critérios para se avaliar a informatividade é a *imprevisibilidade*, que concerne à quantidade de informação desconhecida veiculada pelo texto (COSTA VAL, 1999). Assim, um texto repleto de clichês, estereótipos, frases feitas e constatações óbvias terá elevada previsibilidade e, conseqüentemente, baixa informatividade. O texto predominante formado por *falsas contrapartes* apresenta baixo grau de informatividade porque possui elevada previsibilidade. O esquema que representa essa falha é o que apresentamos a seguir:

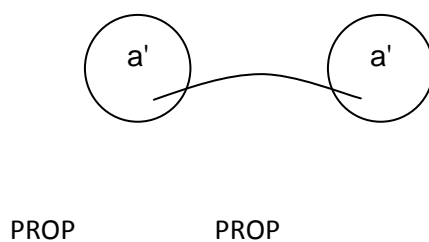


Figura 5: Esquematização da falha *falsa contraparte*

Como temos uma mera repetição do mesmo conteúdo, a *falsa contraparte* (ativada pela forma remissiva no texto) será representada pelo mesmo elemento do espaço mental prévio (ativado pela menção anterior): (a'). Além disso, por não haver acréscimos semânticos, o espaço mental prévio não serve como um Ponto de Vista para a introdução de novas



informações, e tampouco há proposições novas para ocupar o espaço Foco. Por essa razão, as notações dos primitivos semânticos PTV e FOCO serão suprimidas na representação dessa falha. Passemos à redação 40:

REDAÇÃO N.º 40

O “sentimento” cinema

A evolução de toda nossa tecnologia trouxe para a área do cinema uma enorme quantidade de opções para a expressão máxima dos sentimentos vividos numa gravação. O cinema passou de ser somente uma diversão de fim de semana para tornar-se objeto de busca de conhecimento e de desejos que não se alcançou.

O ser humano sente necessidade de se emocionar, compartilhar sentimentos agradáveis ou não com seus semelhantes. A busca destes momentos sempre foram feitas através de livros, jornais, ou até mesmo num “bate-papo” com os amigos. O cinema veio com o papel de acrescentar-se nesse grupo de veículos. Papel este muito bem representado, visto o crescente número de filmagens que são feitas e tecnologia que é investida.

O cinema hoje ensina, diverte, emociona, anima, deprime, etc... faz o ser humano sentir. Sentimentos que em muitos foram inibidos por toda correria e mecanização de gestos e momentos em nosso dia a dia.

Em suma, mostrando-se eficiente no que se prestou a fazer, o cinema veio em nossas vidas para ficar. Mostrou ser capaz de proporcionar inúmeros sentimentos que antes não se encontravam facilmente. Aceitando estes sentimentos, talvez o ser humano volte a valorizar realmente o que é importante.

De acordo com a introdução da redação 40, *o avanço tecnológico possibilitou ao cinema uma enorme quantidade de opções para a expressão dos sentimentos* (referente a). O segundo parágrafo reafirma que *o cinema é um novo veículo usado na busca de momentos de emoção*. O penúltimo parágrafo se destina a exemplificar os sentimentos que o cinema é capaz de despertar nas pessoas. Em sua conclusão, a redação mais uma vez atesta que *o cinema é capaz de proporcionar inúmeros sentimentos que não se encontravam facilmente*, embora não explicita que sentimentos eram difíceis de encontrar antes do cinema. E finaliza com uma



frase, no mínimo, enigmática: *se aceitar os sentimentos proporcionados pelo cinema, talvez o ser humano volte a valorizar realmente o que é importante*. O redator, contudo, apenas desperta a curiosidade no leitor, mas não fornece a chave que desvende o enigma: afinal, o que deve ser realmente valorizado? Assim, o conteúdo informacional do texto basicamente é o *cinema proporciona sentimentos*. Todas essas ocorrências poderiam ser resumidas em um único esquema:

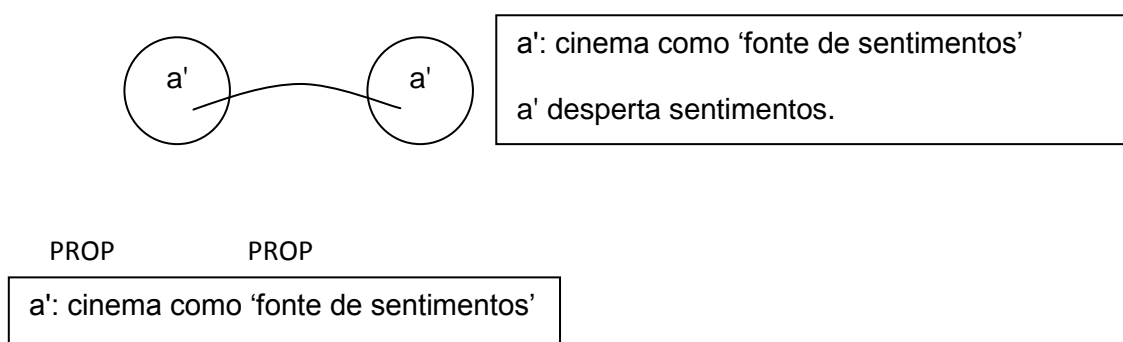


Figura 6: Exemplo de *falsa contraparte*

Essa redação que cometeu uma falha muito recorrente no *corpus* é exemplo de um efeito colateral de uma indicação. Expliquemo-nos. Em geral, os estudantes aprendem que, ao redigir um texto dissertativo, devem delimitar o assunto e estabelecer um objetivo para a tarefa de escrever. Essas medidas visam a evitar a fuga ou a quebra da unidade do texto.

De fato, a delimitação e a fixação de um objetivo são excelentes estratégias para a construção de um texto com unidade temática, requisito indispensável para a construção de uma dissertação coesa e coerente. A restrição do tema, não obstante, não implica uma reprise *ad nauseam* de informações dadas.

3.3. Ausência de delimitação ontológica

Conforme vimos, o espaço Base é ponto de partida para a construção hierárquica de espaços mentais e, conseqüentemente, para a construção de uma cadeia referencial. Em geral, serve como Ponto de Vista inicial para a introdução de um referente. É, também, o espaço



onde se situa a realidade ontológica dos referentes a que o discurso faz referência, porquanto é no espaço Base que estabelecemos *do quê estamos falando neste momento*.

Em razão do afastamento espacial e temporal entre redator e leitor típico da modalidade escrita, a redação por si só deve ser capaz de dirigir a atenção do leitor para os referentes que deseja evocar. A importância do espaço Base reside no fato de ele delimitar os referentes com que um discurso trabalha. O espaço Base circunscreve, assim, os referentes relevantes para a compreensão de um dado texto, e não abarca os referentes que não foram postos em *foreground*. Esse recurso é imprescindível para não sobrecarregarmos nossa memória durante a construção de significados. Por exemplo, se estivermos lendo uma redação que discute o cinema como 'arte' e 'linguagem', vamos focalizar nossa atenção nesses referentes, e não nos demais, que estarão em *background*. Disso decorre que os referentes ativados nas redações devem estar bem delineados, a fim de facilitar o trabalho do receptor na construção de um sentido coerente para o texto. No trato com itens polissêmicos, essa delimitação se torna ainda mais relevante.

Estamos identificando, como *ausência de delimitação ontológica*, a falha que pode ser observada quando o leitor não consegue relacionar com clareza a palavra a um referente minimamente delineado. Apresentamos abaixo o esquema que utilizaremos para representar essa falha:

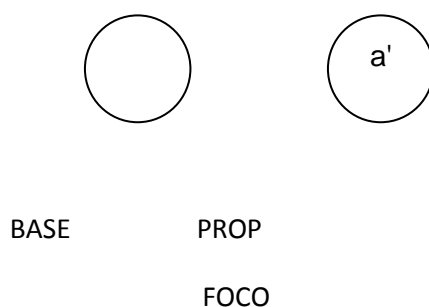


Figura 7: Esquemática da falha *ausência de delimitação ontológica*

Nesse esquema, o espaço Base encontra-se vazio para evidenciar que o leitor tem dificuldade para conceptualizar uma ontologia para o referente textual (a'), uma vez que ele não consegue identificar, para a expressão linguística presente no discurso, um referente. Para ilustrarmos essa falha, vejamos redação 37:



REDAÇÃO N.º 37

O ser humano e o cinema

O investimento no o cinema ocasionou um grande crescimento das principais indústrias cinematográficas no mundo.

No século XX, o Brasil experimentou este avanço com a entrada de grandes filmes de Hollywood alienado como o capital e a tecnologia estrangeira que se fez presente dentro do universo do cinema a partir da década de 1930.

Perdurando até os dias atuais, o cinema se constitui no público infantil, jovem e/ou adulto que torna-o como parte de sua vida, citando como exemplo suas diferentes formas de emoção.

O teatro, as artes, a música são formas de outras linguagens expressadas pelo ser humano provinda do o cinema.

Por fim, neste maravilhoso universo do o cinema existem vários sentimentos manifestados no interior do ser humano que se deixa mover pelo seu valioso “eu”-interior de caráter emocional, amoroso e/ou poético.

E, a medida que vai crescendo e passando, deixa para a futura geração, ou seja, a cinematografia sempre moverá o homem.

O início da redação 37 versa sobre *o crescimento da indústria cinematográfica*, que aparentemente será a delimitação aplicada pelo redator ao tema proposto pela prova. E o segundo parágrafo, de fato, ao tratar da *entrada dos filmes de Hollywood no Brasil*, segue essa linha. Mas é exatamente a partir desse ponto que surgem os problemas. Repentinamente, o texto apresenta uma afirmação que destoa dos parágrafos introdutórios. É difícil estabelecer uma relação entre *o cinema ser constituído pelo público infantil, jovem e adulto* com *o crescimento da indústria cinematográfica* e com *a chegada das produções de Hollywood no Brasil*. Isso acontece porque *o cinema* introduzido no terceiro parágrafo não tem um Ponto de Vista inicial. A pergunta que o leitor se faz é: *que cinema é constituído pelo público infantil, jovem e adulto?* Não conseguimos atribuir com nitidez um referente para a ocorrência “o cinema” do terceiro parágrafo. Esquemáticamente, então, temos:

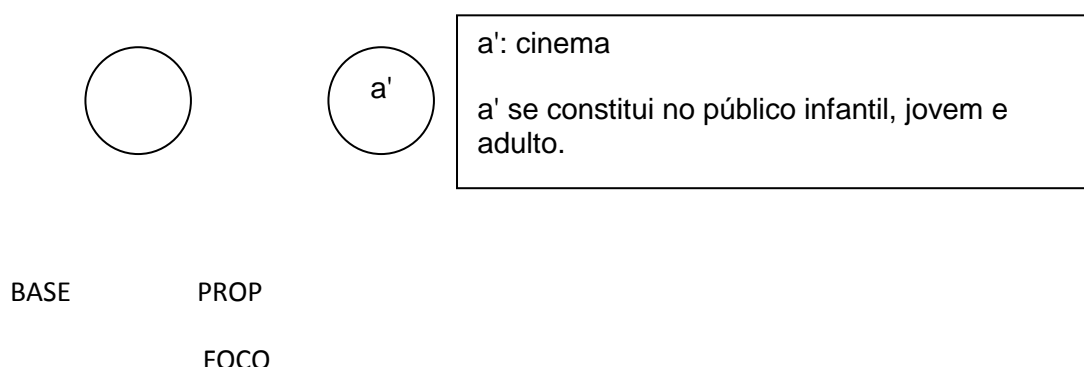


Figura 8: Exemplo da falha *ausência de delimitação ontológica*

Um ângulo dessa questão que a TEM permite perceber é que muitos dos problemas associados à estruturação do texto e aos conteúdos veiculados pela redação podem ser reflexo do fato de o redator não ter definido ontologicamente para si mesmo e para seu leitor do que está tratando. Ou seja, ao não delinear os referentes sobre os quais escreverá, o conteúdo da redação irremediavelmente estará esvaziado, e a própria estruturação do texto estará comprometida. Um indício de que o espaço Base é nebuloso consiste na repetição de uma única estrutura para o SN (ART. DEF. + NÚCLEO: *o cinema*). Trata-se sempre de uma expressão que aponta para o geral. Um dos motivos para proceder assim é que qualquer referente hipotetizado pelo leitor para a sempre mesma expressão genérica estará valendo. Os problemas surgem, como estamos vendo, quando um leitor mais crítico não consegue delinear nenhuma ontologia. É nesse sentido que a ausência de delimitação ontológica se articula às palavras que causam os *problemas de noção confusa* apontados por Pécora (1999 [1983]). A *noção confusa* consiste numa expressão linguística semanticamente inespecífica que pouco contribui para a argumentação desenvolvida no texto.

3.4. Abandono do referente

Já dissemos que o texto dissertativo com bom padrão de textualidade deve cumprir os requisitos de *repetição* e *progressão*. No que concerne à progressão referencial, os requisitos de continuidade e progressão podem ser associados à retomada de um referente textual que



servirá de Ponto de Vista para a introdução de uma nova Proposição. Contrariando essa expectativa dos textos com bom padrão de textualidade, o *abandono do referente* acontece sempre que um referente aparentemente relevante para a continuidade do texto não é retomado para futuros reenquadramentos, gerando problemas na progressão do texto. Em geral, a relevância de um referente abandonado não é explicitada no texto. Nesses casos, o leitor fica com a sensação de que faltou algo a ser dito.

Conforme vimos, ao tratarmos da *falsa contraparte*, a *informatividade* está relacionada ao montante de informação transmitida por um texto. Além da *imprevisibilidade*, já discutida anteriormente, a *suficiência de dados* é outro critério empregado para avaliar a informatividade de um texto. Segundo esse critério, um texto, para ser informativo, “precisa apresentar todos os elementos necessários à sua compreensão, explícitos ou inferíveis das informações explícitas.” (COSTA VAL, 1999, p. 31).

O *abandono do referente* está diretamente ligado ao insucesso no cumprimento desse quesito. Quando, na análise em espaços mentais, detectamos o *abandono do referente*, o texto deixa de apresentar com suficiência os dados que justifiquem a apresentação de uma dada informação. Muitas vezes essa falha é consequência do contrato de cooperação tácito existente entre escritor e leitor. De fato, o redator não precisa (nem pode) explicitar tudo em seu texto. Ele conta com o conhecimento prévio do leitor no preenchimento das lacunas. Os problemas ocorrem quando o redator não apresenta as informações que o leitor não pode inferir sozinho. O esquema que propomos para representar o *abandono do referente* é o que segue:

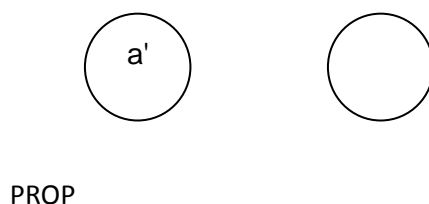


Figura 9: Esquematização da falha *abandono do referente*

No esquema que estamos propondo, o segundo espaço mental encontra-se vazio para indicar que o referente textual (a') não é recuperado em segmentos posteriores para novos



reenquadramentos. Por esse motivo, ele não serve como PTV para nenhum acréscimo semântico. Também não há proposições novas a serem postas em Foco. Por esse motivo, as notações dos primitivos semânticos PTV, PROP (no segundo espaço mental) e FOCO serão suprimidas. Vejamos um exemplo:

REDAÇÃO N.º 16

A arte do cinema

O cinema desde a sua criação até os dias de hoje, tras vários estilos como por exemplo o humor, o terror, aborda fatos reais entre outros que são envolvidos pelas pessoas no cotidiano.

É notório que a pessoa que convive com o cinema se confundem com os mesmos e até acreditam mais na tela do que na vida que ela leva, crendo tanto naquilo que acabam criando conflitos em seu cotidiano.

O cinema, dentre suas importâncias, ajudam na cultura e educação das pessoas, a educação e aprendizado de uma criança e a cultura, tendo esse mercado mundial de filmes, acaba sendo misturada a cultura de outros países ocorrendo, com isso, a dispersão da cultura original de um país.

Com o passar do tempo, a tecnologia mundial foi evoluindo e, com isso, ocorreu também a evolução nos cinemas com efeitos futuristas, de como o mundo estará daqui a vinte anos mas, mesmo com toda essa tecnologia, a arte original do cinema não foi extinta.

Nem toda população brasileira não pode ir ao cinema, algumas pessoas porque são carentes e outras por não ter cinema em sua região. A solução para isso é desenvolvimento do país, o que não acontece nos dias de hoje.

A análise da estrutura referencial, com a ajuda da TEM, torna evidente a descontinuidade desse texto. Nele, cada parágrafo aborda um enquadramento diferente para o cinema, sem a preocupação de concatená-los, nem de apresentar com suficiência de dados as informações que justifiquem tais enquadramentos. Assim, a passagem de uma perspectiva a outra não é feita de modo gradual, e os referentes ativados vão sendo deixados pelo caminho. Abruptamente, o produtor muda a direção da discussão, e o leitor precisa se esforçar, sem a



ajuda de pistas linguísticas eficientes, para se ajustar ao novo horizonte posto pelo texto. Sendo assim, consideramos que esse texto peca por não empregar eficientemente os construtores de espaço, que são dispositivos linguísticos que orientam o leitor para a criação de novos espaços de referência.

Relacionada ao constante *abandono dos referentes*, está a *ausência de Ponto de Vista* para os enquadramentos que vão sendo introduzidos ao longo da redação. Trata-se um *problema estrutural* muito frequente nas redações analisadas que prejudica a progressão do texto. Para ilustrar a ocorrência desses dois problemas propomos o esquema abaixo para o terceiro parágrafo da redação 16:

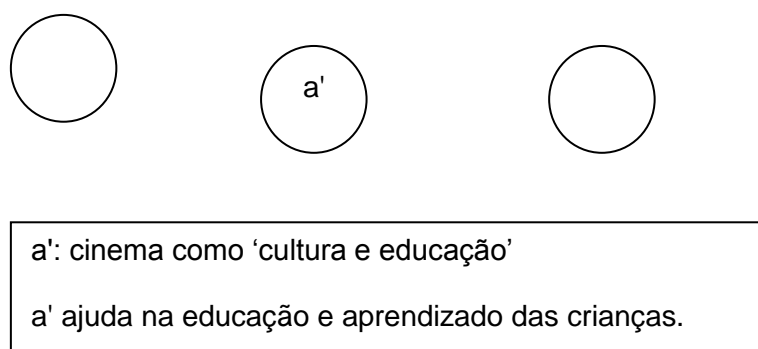


Figura 10: Exemplo da falha *abandono do referente* associada à *ausência de PTV*

Na verdade, a esquematização acima poderia ser empregada para ilustrar a mudança abrupta de enquadre de todos os cinco parágrafos que constituem o texto (não o faremos por uma questão de economia na descrição). Na figura acima, o primeiro espaço mental está vazio para evidenciar que o enquadramento de cinema como 'cultura e arte' não é introduzido a partir de um Ponto de Vista prévio. Esse problema poderia ser resolvido de duas formas: ou as proposições anteriores fornecem o Ponto de Vista necessário para a introdução desse referente, ou um construtor de espaço deve ser empregado para que o leitor abra um novo espaço de referência para abrigar esse novo enquadre. O terceiro espaço mental encontra-se vazio para sinalizar o *abandono do referente*. Qualquer que seja a estratégia escolhida, a língua oferece recursos que não foram empregados pelo redator.



3.5. Ausência do espaço Ponto de Vista

Com a *ausência do espaço Ponto de Vista*, a proposição sobre um enquadramento é apresentada sem um Ponto de Vista prévio, ou seja, sua relação com as proposições anteriormente apresentadas no texto não é suficientemente explicitada no texto. Exemplificamos, a seguir, com uma redação do *corpus*:

REDAÇÃO N.º 38

Escola da vida

Ao longo dos séculos, a humanidade sofreu algumas revoluções tecnológicas. Para a comunicação, a criação da prensa gráfica foi revolucionária. Mas nada causou e continua causando um impacto tão forte na vida cotidiana como o cinema a maioria de nossas experiências ou são primeiramente apresentadas ou são moldadas por esse dispositivo.

O cinema não é só mais uma forma de ver filme. Não é apenas uma tela em branco com cadeiras voltadas para ela. De muitas maneiras, o cinema é a recriação da caverna de Platão; com sua escuridão e as sombras projetadas a nossa frente, sem vermos de onde elas vem. A atmosfera é propositalmente criada para prestarmos atenção exclusivamente ao que é apresentado. Para que, por pelo menos duas horas, nosso mundo seja unicamente as imagens na tela.

Na segunda guerra mundial, os países da disputa fizeram uma descoberta: dentre todos os soldados que iam guerrear, os que menos se chocavam eram o que já haviam visto batalhas anteriores no cinema. Mesmo que indiretamente e com muito menos intimidade, eles experimentaram aquelas sensações a destruição da guerra já não era tão traumatizante porque eles a tinham visto antes em filme.

O cinema é uma escola. Ele fornece os meios para se descobrir novas experiências e viver situações que, na vida real, não seria possível. Não é surpresa nenhuma que, mesmo depois de quase cem anos, ele ainda exerça sobre nós tamanha fascinação.

Na redação 38, o cinema é inicialmente apresentado como uma *evolução tecnológica importante para a comunicação*, uma vez que *nossas primeiras experiências são apresentadas ou moldadas por ele*. Assim, o final desse primeiro parágrafo, apesar de apresentar uma afirmação radical e nem sempre verdadeira, sinaliza um debate acerca da influência do cinema sobre o comportamento das pessoas.



No início do segundo parágrafo, sugere-se que o cinema não é meramente um ‘lugar físico’. Em vez disso, ele é uma *recriação do Mito da Caverna de Platão*. A alusão ao *Mito da caverna* não é feita para discutir a mimese da arte cinematográfica, ou o seu poder de iludir ou conscientizar (o que seria uma ideia coerente com o Ponto de Vista sugerido pelo primeiro parágrafo), mas sim para dizer que *as características (físicas!) do ambiente contribuem para que prestemos atenção ao que é exibido*. Assim, o enquadramento do segundo parágrafo não mantém relação com o Ponto de Vista sugerido pelo primeiro.

O terceiro parágrafo informa que, na Segunda Guerra Mundial, *descobriu-se que os soldados que haviam visto batalhas no cinema se chocavam menos com a guerra*. O construtor de espaço “Na segunda guerra mundial” abre o espaço de referência para alocar a proposição do terceiro parágrafo, mas não é capaz de estabelecer uma relação com as proposições anteriores. Assim, o Ponto de Vista para a introdução do referente do terceiro parágrafo circunscreve-se apenas ao terceiro parágrafo. Estamos considerando, no entanto, que o texto dissertativo deve ser um todo constituído por segmentos articulados, e mais: as informações de cada segmento devem encaminhar o raciocínio do leitor para as informações do segmento posterior.

O parágrafo de conclusão comete o mesmo erro. Nele, o cinema é concebido como ‘fonte de conhecimento’, mas o texto não explicita em que medida o parágrafo anterior serve como Ponto de Vista para esse enquadramento. O que a redação 38 deixa perceber é que cada um dos seus parágrafos poderia dar início a uma nova redação. Assim, cada parágrafo parece ser um universo fechado, cujas relações com os parágrafos vizinhos não são postas materialmente no texto.

4. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, procuramos descrever a progressão referencial de redações de vestibular, atentando para o trato dado à polissemia lexical. Os textos analisados foram produzidos durante a realização do Vestibular UFRJ 2008, cuja proposta de redação solicitava que os candidatos expusessem reflexões acerca do *cinema como prática social*, favorecendo, assim, a recorrência do item linguístico polissêmico “cinema”. Nosso objetivo foi observar de



que modo os vários significados relacionados à forma “cinema” se organizavam na tecedura das composições. Uma vez que desejávamos observar a exploração da polissemia lexical na construção dos textos, focamos nossa atenção nas cadeias referenciais formadas pelos SNs cujo núcleo fosse o lexema “cinema”.

Defendemos, neste trabalho, que a Teoria dos Espaços Mentais, uma teoria cognitiva da construção *online* do significado, desenvolvida por Fauconnier (1994, 1997), descreve adequadamente a processualidade do ato de referir.

A partir da identificação das cadeias referenciais formadas pelos reenquadramentos dos referentes por meio da Teoria dos Espaços Mentais, pudemos estabelecer uma tipologia das principais falhas relativas à progressão referencial de um item lexical polissêmico. Nesse sentido, constatamos que elas decorrem da *presunção de monossemia*, uma vez que o redator não percebe que está lidando com uma palavra polissêmica. Por essa razão, o produtor não provê seu texto com pistas linguísticas suficientes para orientar seu leitor na identificação dos referentes, nem tece suas cadeias referenciais atentando para a organização dos diversos significados ligados à palavra.

A partir da identificação do estatuto dos referentes na construção da hierarquia espacial, estabelecemos a seguinte tipologia para alguns dos problemas relacionados à progressão referencial: falha no estabelecimento da relação entre as contrapartes textuais (*relação frouxa entre as contrapartes e falsa contraparte*); falha na identificação de uma ontologia no espaço Base (*ausência de delimitação ontológica*); falha relacionada ao espaço Foco (*abandono do referente*); falha relacionada ao espaço Ponto de Vista (a *ausência do espaço Ponto de Vista*).

Gostaríamos de salientar que essas falhas revelam deficiências na estruturação do texto. O conceito de progressão referencial evidencia que o texto possui uma estrutura referencial que vai sendo erigida, passo a passo, à medida que ele vai sendo processado, num constante fluxo de idas e vindas, o que possibilita que os referentes sejam constantemente redimensionados. Uma das maiores contribuições que a Teoria dos Espaços Mentais pode trazer para o ensino de língua consiste justamente na percepção do texto como uma estrutura dinâmica.



Sabemos que as contribuições de um trabalho acadêmico, diante da complexidade dos aspectos envolvidos na vida em sociedade, são muito mais restritas do que seu realizador gostaria que fossem. Isso não nos impede, não obstante, de pleitear o desejo de ser útil. É exatamente essa meta que move todo pesquisador. Buscamos a oportunidade de dizer algo que se some ao que foi dito por tantos outros acerca do ensino de língua materna. Nesse sentido, se nosso trabalho obtiver êxito em sinalizar para uma perspectiva que aborde o texto, não como um produto, mas sim como um processo dinamicamente organizado, quer seja nas aulas de interpretação de textos, que seja nas aulas de produção textual, então já estaremos satisfeitos com o resultado.

Referências

ALMEIDA, Marcus V. B. de. **Polissemia e progressão referencial em redações de vestibular**. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2010.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos: Abordagem teórica e estudo das práticas pedagógicas. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. & OTONI, P. (orgs.). **O texto: escrita e leitura**. Tradução por Paulo Otoni. Campinas, SP: Pontes, 1988. Tradução de: Introduction aux problèmes de la cohérence des textes. [1978].

COSTA VAL, Maria da G. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CUTRER, L. Michelle. **Time and Tense in Narrative and in Everyday Language**. Ph.D. diss., University of California, San Diego, 1994.

DINSMORE, John. **Partitioned representations: a study in mental representation, language understanding, and linguistic structure**. Dordrecht: Kluwer, 1991.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces: Aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. Methods and generalizations. In: JANSSEN, Theo & REDEKER, Gisela (eds.). **Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1999.

KOCH, Ingedore G. V. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.



_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MARCUSCHI, Luiz A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz A. & KOCH, Ingedore G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernadete M. & RODRIGUES, Angela C. S. (orgs.). **Gramática do português falado**. vol. VIII. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002.

MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da língua portuguesa**. 3. ed. Editorial Caminho: Lisboa, 1989.

NERLICH, Brigitte & CLARKE, David D. Cognitive linguistics and the history of linguistics. In: GEERAERTS, Dirk & CUYCKENS, Hubert (eds.). **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford University Press: New York, 2007. p. 589-607.

PÉCORA, Alcir. **Problemas de redação**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1983].